

Wendel Henrique

Professor Adjunto do Departamento e Mestrado em Geografia da
Universidade Federal da Bahia
wendelh@ufba.br

A instalação da UFRB, a ação do Programa Monumenta e o turismo étnico na reestruturação urbana e no cotidiano de Cachoeira-BA: Notas preliminares de pesquisa¹

Resumo

No Recôncavo Baiano cidades médias e pequenas, antigos centros da economia urbana e regional, após décadas de estagnação econômica e esvaziamento populacional recebem atenção do Estado através de programas e ações que visam resgatar o desenvolvimento econômico perdido para os novos nós da rede urbana desta região. Em Cachoeira (32.252 habitantes) programas e ações federais e estaduais, envolvendo uma grande quantidade de investimentos, estão sendo implementados na reestruturação urbana (requalificação e refuncionalização do casario histórico) e na geração de renda e emprego através do incentivo aos serviços e comércios ligados ao ensino superior e ao turismo, como o campus da recém criada Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Ministério da Educação), o Programa Monumenta (Ministério da Cultura) e o Projeto de Turismo Étnico (Ministério do Turismo). Os novos moradores de Cachoeira, bem como os estudantes universitários que passam o dia na cidade, geralmente possuem maior renda e acabam levando a um aumento expressivo dos valores cobrados para aquisição e aluguel de imóveis. Há modificação na estrutura do emprego e na construção de infraestruturas para atender as novas funções e os serviços. Constatamos processos de exclusão social/ econômica e segregação de parte da população, que fica, assim, à margem do desenvolvimento socioeconômico que se pretende, além de ocasionar modificações profundas no cotidiano dos moradores.

Palavras-chave: Cidades médias e pequenas, rede urbana, Recôncavo, Cachoeira.

Abstract

THE ROLE OF THE INSTALLATION OF UFRB, THE ACTION OF MONUMENTA PROGRAM AND THE ETHNIC TOURISM IN THE URBAN RESTRUCTURING AND EVERYDAY LIFE OF CACHOEIRA-BA. PRELIMINARY APPOINTMENTS OF RESEARCH

In the region of the Recôncavo of Bahia, medium and small cities, older centers of the urban and regional economy, after decades of economic stagnation and population decline, receive attention from the Govern through programs and action which intend to rescue the lost economic development for the new knots of the urban system in this region. In Cachoeira (32,252 inhabitants) Federal and State programs and actions, as the campus of the Federal University of Recôncavo of Bahia (Ministry of Education), the Monumenta Program (Ministry of the Culture) and the Project of Ethnic Tourism (Ministry of Tourism), involving a great amount of investments, are implementing in order to promote the urban reorganization, requalification and refunctionalization of the historical buildings, generation of income and job, through the incentive of services and commerce linked to the offer of higher education and the tourism. The new inhabitants, as well as the new students, who pass just hours in the city and generally possess greater income than the local population, are stimulating the increase of the values of rent and acquisition of housing. We find an important modification in the job structure and in the infrastructure of the city, bringing new functions and services. Processes of economic and social exclusion, as well the segregation of part of the local population, are evidenced. The oldest inhabitants are in the border of the new urban, social and economic development.

Key-words: Medium and small cities, urban development, historical cities.

1. Introdução

Buscamos neste trabalho analisar as novas dinâmicas urbanas presentes em Cachoeira, cidade histórica tombada deste o início dos anos 1970 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), localizada (Figura 1) no Recôncavo Baiano, a partir da instalação/ação de três processos/projetos: a instalação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; o Monumenta; e o Turismo Étnico.

Figura 1
LOCALIZAÇÃO DE CACHOEIRA-BA



Cachoeira, segundo a contagem populacional do IBGE (2007), possui 32.252 habitantes e, de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD, 2003), possuía em 2000 renda per capita média de R\$ 119,5; a proporção de pobres era de 58,6 (%). Já em relação ao acesso aos serviços básicos, para domicílios urbanos, em 2000, a situação era: 57,6% dos domicílios têm água encanada, 86,1% têm energia elétrica e 84,1% têm coleta de lixo.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), que em 1991 era 0,598, passou para 0,681, em 2000. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Cachoeira, segundo a classificação do PNUD, o coloca entre os municípios considerados de médio desenvolvimento humano. Ainda segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD, 2003), Cachoeira possui um índice intermediário em relação aos demais municípios do país, ocupando a 3279^a posição, com 3278 municípios (59,5%) apresentando índices melhores e 2228 municípios (40,5%) situação igual ou pior. Já para os demais municípios da Bahia, a posição de Cachoeira é a 42^a, o que representa uma boa posição, pois apenas 41 municípios (9,9%) apresentam melhores situações de IDH e 373 municípios (90,1%) possuem indicadores iguais ou piores.

Os indicadores apresentados para o início da década apontam uma situação precária da infraestrutura básica de saneamento. Os dados disponibilizados para Cachoeira, tanto pelo IBGE (Cidades@) quanto pelo PNUD e pelo SNIU (Sistema Nacional de Indicadores Urbanos, Ministério das Cidades), ainda não apontam a influência dos recentes investimentos realizados e as novas dinâmicas urbanas, sociais e econômicas presentes em Cachoeira. Dados empíricos, levantados a partir da observação em trabalhos de campo, indicam no lugar, na paisagem e no cotidiano uma tendência a um maior adensamento técnico e informacional, com vistas à integração de Cachoeira em um sistema urbano ampliado, a partir do “desenvolvimento local”. Entretanto, uma vez que se constituem espaços da ação seletiva do capital privado e da ação do Estado, a melhoria das condições de infraestrutura e de educação acaba por atrair cada vez mais os investimentos para Cachoeira, deixando excluídos outros municípios do Recôncavo, como São Félix, na outra margem do Rio Paraguaçu, e mesmo alguns espaços internos da cidade, como as periferias sociais. O capital e os investimentos tendem a se concentrar cada vez nas áreas já “iluminadas”. Isto coloca um grande desafio ao planejamento urbano e regional, visando a uma possível integração/cooperação entre as cidades, pois o municipalismo e a seletividade espacial do capital acabam levando a uma “guerra dos lugares”, em detrimento da busca pelo desenvolvimento regional.

2. Cachoeira e a rede urbana do Recôncavo

A rede urbana do Recôncavo se caracterizou desde o início do processo de ocupação do território brasileiro pela constituição de várias aglomerações citadinas com intensos fluxos e relações com as culturas agrícolas – fumo e cana de açúcar – destinadas à exportação e que eram desenvolvidas na região.

Segundo Milton Santos (1959), foi no Recôncavo Baiano onde se constituiu a primeira rede urbana no Brasil, impulsionada pelo papel de destaque que a região possuía na economia colonial e mesmo durante o período imperial. Os vínculos entre as cidades e o mundo rural sempre foram marcantes na paisagem e na constituição dos lugares.

O Recôncavo foi sempre mais um conceito histórico que mesmo uma unidade fisiográfica [...] A tais caracteres fisiográficos correspondeu uma diferente utilização do solo, que, ainda hoje [1959], de certo modo perdura. Os solos pobres do cristalino serviram a culturas alimentares, tanto no norte quanto no sul. Os tabuleiros terciários foram o habitat ideal para o fumo. A série Santo Amaro deu o fôfo massapê, onde há quatrocentos anos se planta incessantemente a cana-de-açúcar. Esta, aliás, em período de maior procura, desbordou seu limite ecológico e avançou por áreas diferentes, sobretudo as da formação São Sebastião, mas tem recuado, conquanto as usinas continuem guardando essas terras como reserva de lenha para suas fomalhas. A unidade do Recôncavo provinha e provém [1959] das relações mantidas de longa data entre suas várias porções com vocação e atividade diferentes (Recôncavo canavieiro, Recôncavo fumageiro, Recôncavo mandioqueiro e da cerâmica, sem falar nas zonas pesqueiras beirando mais proximamente o litoral, e do Recôncavo ao norte da cidade, servindo-a de lenha e carvão vegetal). Salvador presidia a esse espaço, coordenando as suas funções diretoras (SANTOS, 1998, p.63).

Dentre os núcleos “urbanos” destacados neste processo de constituição da rede urbana do Recôncavo, Cachoeira sempre apresentou importância em diversas escalas de análise. Regionalmente desempenhava papel central no sistema de transporte flúvio-marítimo, em função de seu porto no baixo curso do Rio Paraguaçu, já próximo a sua foz, na Baía de Todos os Santos. Os armazéns localizados nas margens do Paraguaçu eram marcantes na paisagem urbana e simbolizavam o papel econômico da cidade como entreposto comercial entre o litoral e o “sertão” brasileiro. Politicamente, Cachoeira era um importante centro baiano, exercendo função primordial no processo de Independência da Bahia, tendo recebido o título de “Cidade Heróica”.

Os aspectos políticos e econômicos que garantiam a centralidade de Cachoeira e favoreciam sua articulação regional e nacional preenchem as formas urbanas até meados do século XX, quando transformações estruturais no sistema de transporte e na economia levam a redefinições dos papéis e funções das cidades do Recôncavo.

Em 1959, Milton Santos (em “A Rede Urbana do Recôncavo”) apresenta sua proposta de hierarquização entre os núcleos urbanos regionais, já indicando uma troca no comando das funções regionais na rede urbana do Recôncavo e entorno da Baía de Todos os Santos. Neste momento, apesar das transformações, Cachoeira ainda ocupava a quinta posição neste sistema hierarquizado.

A tabela 1, elaborada a partir das informações de Milton Santos (1959), mostra os índices de centralidade das cidades do Recôncavo e apresenta uma relação com a população municipal, em 2007.

As mudanças na estrutura econômica e no papel de Cachoeira na rede urbana regional estão fortemente atreladas à alteração no padrão de transporte de mercadorias, com a opção pela modalidade rodoviária em detrimento ao transporte marítimo/fluviál (realizado pelos vapores e saveiros que faziam seus percursos através da Baía de Todos os Santos e pelo Rio Paraguaçu) e ao transporte ferroviário (que tinha em Cachoeira um importante entroncamento). As rodovias que passam a ligar o litoral ao interior (BR's 324 e 101) têm seus trajetos exteriores e distantes do tecido urbano de Cachoeira, implodindo as funções articuladoras da cidade com suas congêneres regionais e estaduais.

Colaborando com o entendimento para a mudança no papel exercido por Cachoeira na articulação regional, Costa Pinto (1998) escreve que:

a decadência da senhorial cidade de Cachoeira e a ascensão de Cruz das Almas, que é hoje [1952] o chef-lieu do Recôncavo Fumageiro, indicam, expressivamente, as fases de um processo de sucessão histórica e ecológica, para o qual, mais recentemente, outros fatores de renovação, como o caminho e a rodovia, também contribuíram decisivamente (COSTA PINTO, 1998, p.123).

Para completar o processo de estagnação do Recôncavo Canavieiro e Fumageiro, também na metade do século XX, ocorre a descoberta de petróleo na área do Recôncavo mais próxima de Salvador. O desenvolvimento da cadeia produtiva do petróleo, indo além da extração e passando pelo refino e pelo transporte, trouxe profundas mudanças na articulação do sistema urbano, pois toda uma rede infraestrutural é criada para atender as exigências da indústria petrolífera, isolando as áreas tradicionais. Grandes parcelas das populações das áreas canavieiras e fumageiras foram atraídas para as cidades vinculadas às atividades petrolíferas, como Candeias, São Francisco do Conde e Madre de Deus, conforme analisado por Cristóvão Brito (2004).

Tabela 1

ÍNDICE DE CENTRALIDADE (1959) E POPULAÇÃO (2007) PARA MUNICÍPIOS DO RECÔNCAVO BAIANO, SEGUNDO A PROPOSTA DE SANTOS (1959)

Municípios	Índice de Centralidade	População (IBGE)
Feira de Santana	7773	571.997
Santo Amaro	4911	58.028
Alagoinhas	4796	132.725
Nazaré	2636	26.506
Cachoeira	2348	32.252
Santo Antônio de Jesus	2041	84.256
Castro Alves	2010	24.437
Itaparica	1729	19.897
Cruz das Almas	1661	54.827
Irá	1306	25.012
Maragogipe	1259	42.079
Mata de São João	1124	37.201
São Félix	1066	15.302
Muritiba	939	27.212
São Sebastião do Passe	904	40.321
Catu	770	48.697
São Gonçalo dos Campos	721	29.205
Camaçari	680	220.495
Conceição de Feira	596	19.091
Pojuca	526	30.221
Santo Estevão	514	44.532
Conceição do Almeida	459	17.684
Jaguaripe	454	16.207
Coração de Maria	364	23.161
São Felipe	338	20.265
São Francisco do Conde	320	29.829
Aratuípe	228	8.507

Fontes: Santos (1959) e IBGE (www.ibge.gov.br).
Organização: Henrique, 2009.

O processo de decadência econômica do Recôncavo Fumageiro na Bahia pode ser comparado ao processo descrito por Monteiro Lobato, no livro *Cidades Mortas*, inicialmente publicado em 1919, que trata da área cafeeira do Vale do Paraíba Paulista.

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caqueixa, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito à paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflue com eles duma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

(...) Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital – e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.

(...) Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. Um tanto de cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.

(...) Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e três andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiuna; casarões que lembram ossaturas de megaterios donde as carnes, o sangue, a vida, para sempre refugiram.

(...) São os palácios mortos da cidade morta (LOBATO, 1995, p.12-13).

Para superar este processo de estagnação econômica, que perdura por algumas décadas, vários projetos e obras estão sendo desenvolvidos e instalados em Cachoeira. O Programa Monumenta e a instalação de campi da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em cidades de porte médio e pequeno, de uma região que sofria (ou sofre) um grave problema de empobrecimento econômico, são bons exemplos.

3. Uma luz no fim do túnel? A instalação da UFRB

A UFRB possui uma constituição *multi-campi*, sendo instalada em 04 municípios do Recôncavo Baiano. Em Cachoeira está instalado o Centro de Artes, Humanidades e Letras, que oferece os cursos de Jornalismo, História, Museologia, Ciências Sociais, Serviço Social e Cinema e Audiovisual. No campus de Cruz das Almas, uma unidade da UFBA (Universidade Federal da Bahia) foi desmembrada para dar origem a UFRB; lá funcionam a

Reitoria, os Centros de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas e o de Ciências Exatas e Tecnológicas, onde são ministrados os cursos de Engenharia (Agrônômica, Florestal, de Pesca, Sanitária e Ambiental), Zootecnia, Biologia, Medicina Veterinária, Bacharelado em Ciências e Tecnologia e Gestão e Tecnologia em Cooperativa. Em Santo Antonio de Jesus está localizado o Centro de Ciências da Saúde, que já oferece os cursos de Psicologia, Nutrição e Enfermagem e oferecerá Medicina. O quarto campus está em Amargosa, que congrega os cursos de Licenciatura em Física, Matemática e Filosofia, além do curso de Pedagogia, no Centro de Formação de Professores. Estavam previstos no projeto da UFRB mais dois campi, um em Santo Amaro da Purificação e outro em Nazaré das Farinhas, mas não foram implementados.

Em Cachoeira, transformações na estrutura do comércio/serviços, como o surgimento de *apart* hotéis, *delicatessen*, copiadoras, livraria e cafês, foram impulsionadas pela instalação da UFRB, que também insere novos tempos e novas temporalidades na cidade, a partir da chegada dos novos moradores (professores, estudantes universitários e funcionários), com suas novas “necessidades”, novos desejos e novos consumos. Entretanto, estas novidades acabam por levar a uma desestruturação do cotidiano anteriormente produzido e vivido. Milton Santos (1979) escreve como os lugares sofrem com adaptações, desaparecimentos e diminuições das atividades chamadas “tradicionais”, agora restritas às camadas mais pobres da população da cidade, que não são prioritárias no processo de modernização da produção e do consumo.

A cada modernização, novos pontos ou novas zonas são conquistadas ao espaço neutro e tornam-se uma nova porção de espaço operacional. (...) essa seletividade do espaço ao nível econômico, assim como social, é, a nosso ver, a chave da elaboração de uma teoria espacial. Esse termo exprime duas coisas diferentes segundo se considere a produção ou o consumo. A produção tende a se concentrar em certos pontos do território com tanto mais força quanto se trate de atividades modernas. O consumo responde a forças de dispersão, mas a seletividade social age como um freio, pois a capacidade de consumir não é a mesma qualitativa e quantitativamente. No entanto, como os gostos novos se difundem na escala do país, enquanto que os gostos tradicionais subsistem, o aparelho econômico deve se adaptar ao mesmo tempo aos imperativos de uma modernização poderosa e às realidades sociais, novas ou herdadas (SANTOS, 1979, p.15).

Observamos um maior empobrecimento e uma exclusão dos moradores do local das “benesses” do desenvolvimento econômico que chega com a Universidade. Neste processo, muitas tradições acabam por ser transformadas, abandonadas e esquecidas. Na paisagem constatamos uma proliferação de refuncionalizações e/ou substituição das antigas formas, algumas simbolicamente representativas para a população, que agora se sente impedida de usufruí-las. As barreiras simbólicas também estão presentes nas novas formas de venda e consumo dos alimentos, principalmente às quartas-feiras, dia da tradicional feira nos arredores do Mercado Municipal, onde observamos uma clara diferença social entre as pessoas que compravam nas barracas e nos tabuleiros espalhados pela praça e aquelas que estavam na *delicatessen*, localizada também na praça do Mercado.

Figura 2
PICHÃO EM CONSTRUÇÃO DE CACHOEIRA



Foto: Henrique, 2008.

A Figura 2 demonstra uma das respostas possíveis dadas pela população local à instalação da UFRB e às ações “modernizadoras” impostas ao cotidiano de Cachoeira. Para uma parte da população de Cachoeira, a partir de dados de trabalhos de campo e entrevistas, a instalação da UFRB representa uma série de transformações perversas no cotidiano local, como o aumento do consumo de drogas, dos preços dos aluguéis e a invisibilidade dos moradores antigos para os novos moradores e usuários.

A modernização da estrutura urbana e econômica e, por consequência, a tentativa de mudança da estrutura social, é um dos objetivos da instalação do campus da Universidade, que desde seu planejamento está vinculada a um projeto de desenvolvimento econômico regional. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRB (disponível em www.ufrb.edu.br),

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia nasceu da luta da comunidade em prol da democratização do acesso ao ensino superior na Bahia, marcado historicamente por uma oferta restrita em relação às suas demandas. **Criá-la por meio de um processo de arregimentação comunitária**, faz dela uma Instituição comprometida com a produção e difusão da ciência e da cultura, além de ocupar lugar estratégico e **redefinidor da matriz de desenvolvimento socioeconômico e cultural do Recôncavo** (UFRB, 2005, s/p. grifo nosso).

Este processo de instalação de objetos (universidade), com novos conteúdos e novas funções (educacionais, de serviços, etc.), e, principalmente, o novo perfil dos moradores modificam as formas de organização social, acarretando profundas alterações no cotidiano da cidade. As formas de relacionamento interpessoais entre os que nasceram em Cachoeira e os que vieram “de fora”, em função dos novos empregos, e que, na maioria das vezes, não estabelecem vínculos afetivos com a cidade, são conflituosas. Os moradores antigos culpam os novos moradores pelo aumento do aluguel, da violência e do consumo de drogas.

Segundo os dados disponíveis no sítio da UFRB na internet (www.ufrb.edu.br), o Centro de Artes, Humanidades e Letras, em Cachoeira, no início de 2008 contava com 31 docentes (com mestrado e/ou doutorado). Ainda em 2008 foram oferecidas, através de concurso público, mais 10 vagas para Professor Assistente, 03 vagas para Professor Adjunto e 03 vagas para Professor Auxiliar. Em 2009, o número de professores também deve

umentar com novos concursos; a estimativa é que, ao final do processo de instalação dos cursos, chegue-se a um número de 100 professores.

Os professores universitários, com uma renda média muito superior a da população local, acabam acarretando uma supervalorização de alguns espaços internos específicos da cidade, não só em função do nível de renda maior, mas também do perfil de consumo que se estabelece. Isto é verificado, principalmente, no mercado imobiliário da cidade, com o aumento expressivo dos valores cobrados para aquisição e aluguel de imóveis. Pequenas casas alugadas antes da chegada da UFRB por R\$ 150,00 passaram a ser alugadas por R\$ 800,00.

Objetos, ações, técnicas e os novos moradores, como vetores de modernização socioeconômica, como verticalidades impostas sobre uma organização/estruturação urbana e social anteriores (sobre uma horizontalidade, sobre uma história), atuam como formas de desestruturação do cotidiano. Em espaços que não foram previamente selecionados e que são mantidos à margem do processo de constituição de um cotidiano “moderno, culto e global”, observamos outras formas de produção da vida e mesmo do espaço, baseadas não na técnica, mas sim no encontro e na personificação das relações sociais, aqui ainda primordiais.

Observamos na maioria das cidades, independente de seu contingente populacional, que a vida e o cotidiano são cada vez mais caracterizados pelo efêmero, pelo passageiro, pela velocidade. Estas velocidades e modificações quebram a riqueza do cotidiano urbano, que, segundo Lefebvre (1973, p. 86), consiste na autenticidade das criações, dos estilos e das formas de vida “que entrelaçam gestos e palavras correntes com a cultura. Nela se opera a renovação constante dos homens (...)”.

4. O programa Monumenta

Além dos novos moradores trazidos pela UFRB para Cachoeira, o mercado imobiliário já estava inflacionado em razão dos recursos, da ordem de R\$25 milhões, do Monumenta, um Programa do Ministério da

Cultura para recuperação e preservação do patrimônio urbano em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que atua com recursos oriundos de financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

A atuação do Programa Monumenta em Cachoeira (fonte: www.monumenta.gov.br) está sendo realizada nos seguintes imóveis: Antiga Fábrica de Charutos Leite Alves (Fundada em 1856, de posse da prefeitura de Cachoeira e disponibilizada para implantação da UFRB), Capela Nossa Senhora D'Ajuda, Conjunto do Carmo – Ordem Primeira – Igreja, Conjunto do Carmo – Ordem Terceira e Casa de Oração, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Paço Municipal (Casa de Câmara e Cadeia), casa natal de Ana Nery – Rua Ana Nery n° 07, imóvel da rua Benjamin Constant n° 17, imóvel da Rua Ana Nery n° 02, imóvel da Rua Sete de Setembro n° 34, imóvel da Rua 13 de Maio n° 13, imóvel da Rua Ana Nery n° 25, imóvel da Praça da Aclamação n° 04, Igreja do Rosarinho e Cemitério dos Pretos, Igreja Nossa Senhora do Monte, nova sede da Fundação Hansen (Quarteirão Leite Alves), logradouros públicos e orla de Cachoeira.

As obras físicas do Quarteirão Leite Alves foram entregues no final do mês de maio de 2009, contando com a presença do Presidente Lula. Entretanto, a UFRB não ocupará o prédio imediatamente, em função da necessidade de mobiliário, permanecendo sediada no prédio da antiga Fundação Hansen, também recuperado com os recursos do Monumenta.

Entretanto, é o financiamento da recuperação de edificações particulares com juros zerados e prazos longos, que tem instalado, em alguns casos, um verdadeiro comércio de ruínas na cidade. Foi extremamente vantajoso a aquisição de imóveis em estado precário e a recuperação das fachadas, telhados e rede elétrica (Figuras 3, 4, 5 e 6), com os recursos sem juros e prazos de até 20 anos para pagamento, e sua posterior venda ou aluguel por valores bem acima da média, mas que encontram demanda, em função das novas dinâmicas urbanas de Cachoeira.

Figuras 3 e 4

SITUAÇÃO DE UM CASARÃO ANTES E APÓS ATUAÇÃO DO MONUMENTA



Imóvel na Praça da Aclamação em agosto de 2006.



Em 2008, após a reforma e a instalação de um Apart Hotel.

Fotos: Henrique, 2006 e 2008.

Figuras 5 e 6

CONJUNTO DE IMÓVEIS NA PRAÇA DA ACLAMAÇÃO DURANTE O PROCESSO DE RECUPERAÇÃO E SEUS USOS APÓS A ENTREGA



Em agosto de 2006.



Em outubro de 2008.

Fotos: Henrique, 2006 e 2008.

Quadro 1**RELAÇÃO DOS IMÓVEIS PRIVADOS QUE RECEBERAM RECURSOS DO MONUMENTA**

Endereço do imóvel candidato	Situação
Manoel Paulo Filhom, 13	Financiamento Contratado Obra Concluída – 14/jun/2007
Pça Maciel, 13	Financiamento Contratado Obra Concluída – 30/maio/2008
Prisco Paraíso, 2	Financiamento Contratado Obra Concluída – 30/maio/2008
Alberto Rabelo, 21	Financiamento Contratado Obra Concluída – 28/fev/2008
13 de Maio, 48	Financiamento Contratado Obra Concluída – 19/dez/2007
Benjamim Constant, 03	Financiamento Contratado Obra Concluída – 19/dez/2007
Virgílio Damásio, 50	Financiamento Contratado Obra Concluída – 16/maio/2008
Tv Adrião, 11	Financiamento Contratado
Senhor dos Passos, 12	Financiamento Contratado
Antonio Carlos Magalhães, 19	Financiamento Contratado Obra Concluída – 26/mar/2008
13 de Maio, 31	Financiamento Contratado Obra Concluída – 30/mai/2008
Benjamim Constant, s/n	Financiamento Contratado
Ana Nery, 09	Financiamento Contratado Obra Concluída – 30/mai/2008
Tv Tavares, 07	Financiamento Contratado
Presidente Vargas, 23	Financiamento Contratado
Manoel Bastos, 12	Financiamento Contratado Obra Concluída – 29/abr/2008
Tv Manoel Bastos, 08	Financiamento Contratado Obra Concluída – 17/mar/2008
Lauro de Freitas, 45	Financiamento Contratado Obra Concluída – 20/fev/2008
R. dos Remédios, 05	Financiamento Contratado
Rodrigo Brandão, 16	Financiamento Contratado
Tv. Tavares, 09	Financiamento Contratado
Pacheco de Miranda Filho, 07	Financiamento Contratado
13 de Maio, 39	Financiamento Contratado
Rodrigo Brandão, 84	Financiamento Contratado
Tv Tavares, 06	Financiamento Contratado

Acompanhamento – imóveis privados – edital Cachoeira/Bahia 04/06/2008 – IPHAN.
Fonte: Escritório Local do IPHAN/Cachoeira.

A partir desta lista elaborada pelo IPHAN e de trabalhos de campo, realizados ao longo de 2008, constatamos que, apesar de muitas obras do Monumenta em imóveis particulares estarem definidas como concluídas e algumas com prazos para finalização, os mesmos se encontram com as obras inacabadas ou mesmo sem inicialização (Figuras 7 e 8). Além disto, nas entrevistas, muitos imóveis que receberam o financiamento estão sendo recuperados por profissionais locais que não passaram por nenhum tipo de curso ou formação para restauro e recuperação. A falta de profissionais para as obras é o principal argumento para o atraso das mesmas.

Figuras 7 e 8

EXEMPLO DE IMÓVEL PRIVADO EM RECUPERAÇÃO ONDE SE OBSERVA O ATRASO E NÃO CUMPRIMENTO DOS PRAZOS ESTABELECIDOS



Na placa em frente ao imóvel, em foto realizada em 20/05/2008, observa-se que a data para o término da obra seria 11/05/2008.



No dia 20/05/2008, a situação da reforma do imóvel, prevista para terminar em 11/05/2008 está retratada na foto.
Fotos: Santos, C., 2008.

Segundo Harvey (2000), especuladores do mercado imobiliário (com apoio financeiro internacional e do Estado), procurando maximizar seus ganhos a partir do aumento da renda da terra, estão atualmente reformando, reorganizando, requalificando ou mesmo produzindo novos espaços (ou novas centralidades) na busca por lucros. Criam-se diferenças geográficas na intensidade de investimento do capital, frequentemente acarretando que regiões ricas em capital cresçam ricas enquanto regiões pobres em capital cresçam relativamente pobres. A diferenciação de estilos de vida, definidos pelo padrão econômico ou pelos valores comunitários ou de grupos, tem considerável importância. Formam-se nichos de mercado, os quais são explorados a partir da mobilização dos desejos humanos e de sua pseudo-exclusividade, isto é, negando seu acesso para a maioria das pessoas.

Apesar da associação dos recursos do Monumenta com as ações dos agentes imobiliários, através da criação de nichos de mercado em

Cachoeira, notadamente para os novos moradores, cabe destacar que o Programa também financia imóveis de proprietários de baixa renda. Segundo a Cartilha do Monumenta (disponível em www.monumenta.gov.br), para imóveis privados, são financiadas recuperações do interior dos mesmos apenas para aqueles cujos proprietários têm renda de até três salários mínimos.

As pessoas que possuem renda familiar mensal de até três salários mínimos poderão financiar ainda:

1. Reforma interna do imóvel, para atender à legislação sanitária brasileira quanto à iluminação natural, ventilação e instalações sanitárias;
2. Reforma e adequação do imóvel para fins de geração de renda.

Em razão deste último ponto, entre as possibilidades de obtenção de financiamento para reforma, muitas unidades residenciais estão sendo refuncionalizadas, criando-se pequenos comércios e serviços para atender as novas demandas de Cachoeira. Pequenas lanchonetes, cafés, bares, restaurantes, sorveterias, copiadoras e *lan houses* são alguns exemplos observados durante os trabalhos de campo.

Constatamos, a partir da leitura dos relatórios técnicos do Programa Monumenta (www.monumenta.gov.br), uma relação muito próxima entre o Programa e a instalação da UFRB (uma ação de planejamento conjunta?), pois a “geração de negócios complementares imprescindíveis à vida dos estudantes, como pensões, bares, livrarias e papelarias” podem desenvolver economicamente o município e a região.

5. O turismo étnico

Atualmente, projetos do setor de turismo, vinculados ao patrimônio histórico e cultural (casario colonial, festas e outras manifestações culturais) têm ocasionado modificações na estrutura urbana de vários municípios do Recôncavo, como mais uma ação na tentativa de redinamização das economias locais e regionais. No caso específico de Cachoeira, em função da Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte (a Irmandade foi constituída há quase 160 anos exclusivamente por mulheres negras vin-

culadas ao candomblé), atualmente se desenvolve um projeto de Turismo Étnico, através do Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia, uma parceria entre o Governo do Estado da Bahia e o Ministério do Turismo, cuja dotação orçamentária é da ordem de R\$ 1.245.200,00. Segundo o material de divulgação deste projeto do Ministério do Turismo,

É necessário trabalhar para desenvolver o desejo do turista negro conhecer as suas raízes. O convênio vai possibilitar o investimento em pesquisas, para a elaboração de políticas públicas voltadas para o turismo étnico afro, além de ampliar os contatos com representações de empresários afros, para a construção de pousadas e hotéis voltados para esse segmento do turismo (MINISTÉRIO DO TURISMO, s/d, s/p, disponível em www.turismo.gov.br).

Já Billy Arquimimo (coordenador de Turismo Étnico – Secretaria de Turismo do Estado da Bahia), no Jornal Ìrohin (www.irohin.org.br), em 21/01/2008, destaca, para o fortalecimento do turismo étnico em Cachoeira e na Bahia, alguns pontos: vôo direto entre Salvador e os Estados Unidos; adequação/melhoria da infraestrutura turística; qualificação profissional. Além disto, ressalta a necessidade de:

- 'projetos de construção de home stays em núcleos culturais';
- 'lançamento do calendário de eventos do turismo étnico';
- 'agregação de valor ao produto turístico é um requisito que deverá ser trabalhado através da associação de programas de turismo étnico com opções de turismo náutico na Baía de Todos os Santos e turismo esportivo, sobretudo a prática do golfe, esporte muito apreciado pelos americanos'.

Em resposta a este programa de turismo étnico, algumas agências de turismo passaram a oferecer roteiros especializados, com visitas aos terreiros de candomblé, degustação de pratos típicos e “espetáculos” religiosos e de capoeira.

Em algumas festas já observamos o reflexo destes processos, como na própria Festa da Boa Morte em 2008, onde o material de propaganda já estava escrito em português e inglês e a quantidade de câmeras e filmadoras chegava a ocasionar tumulto (Figura 9).

Figura 9
FESTA DA BOA MORTE EM CACHOEIRA/2008



A mídia na saída do cortejo pelas ruas de Cachoeira.
Foto: Henrique, 2008.

O aumento do fluxo de turistas para Cachoeira demanda também a refuncionalização de áreas residenciais para a criação de pousadas, aumentando ainda mais a pressão sobre o mercado imobiliário da cidade. Destacamos também que as ações relacionadas ao turismo na cidade priorizam o turista estrangeiro. Constatamos que os moradores também estão à margem deste processo, perdendo espaço para os novos usuários da cidade, tanto os novos residentes quanto os turistas.

O sentimento de estranhamento aparece de forma inequívoca em *A especulação imobiliária*, de Ítalo Calvino, em que descreve as transformações ocorridas na Riviera italiana a partir da incorporação da área na rota do turismo e as mudanças que este fato provoca nos moradores da cidade diante uma paisagem “querida que morre”, da “visão de uma cidade que era mas que se desfigurava debaixo do concreto” fatos que dificultam a identificação com o lugar da vida. Deste modo “o lugar em que nasceu foi convertido em ruínas e a pátria que buscava é feita apenas de clichês. Ele vive neste impasse. Aos olhos, esses simulacros vêm

substituir tudo aquilo que acabou, acelerando sua desapareição. Implicam perda. Mas estes cenários, em vez de remeterem a fala, são, antes de tudo, construções do mundo". A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, "espetáculo" para uma *multidão amorfa* através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação (CARLOS, 2001, p. 63-64).

Assim, em diversas cidades, independentemente do porte, a circulação do capital tem a capacidade de destruir as paisagens anteriores e reconstruir novas paisagens a partir da lógica e dos valores capitalistas, os quais se constituíram a partir da tendência do capitalismo estabelecer um conjunto universal de valores em escala global. Com a globalização da economia, as cidades, para Harvey (2001), passam a ser encaradas como empresas, incorporando processos e diversificações (divisões do trabalho, de funções, de estilos de vida e valores), onde a produção dos ambientes construídos, do espaço, passa a ser relacionada com temporalidades divergentes. O mesmo pode ser dito da cultura e de suas manifestações, encaradas pelos agentes do capital como um espetáculo a ser apreciado, fotografado e guardado nos álbuns de retratos, reais ou virtuais.

5. Considerações finais

A instalação da UFRB, o Monumenta e o turismo étnico, fortemente amparados pelos investimentos públicos, têm provocado uma reestruturação urbana e do cotidiano de Cachoeira que, até então, desenvolvia atividades "tradicionais", relacionadas ao mundo rural. Estas novas dinâmicas propiciam a recuperação e melhoria das condições socioeconômicas de alguns setores das populações envolvidas e a melhoria da infraestrutura de espaços pré-selecionados da cidade, bem como um retorno econômico.

Estes programas e ações, permanecendo 'desconectados' do cotidiano da grande parcela dos moradores, podem levar a uma descaracterização do lugar e à expulsão de seus moradores mais pobres, que ficam, assim, à margem do desenvolvimento socioeconômico que é observado nestes espaços.

A instalação da Universidade ainda é um processo extremamente recente e, portanto, ainda passa por uma série de adequações. A superação do confronto inicial e o acolhimento da UFRB pela população de Cachoeira poderia acontecer pela vinculação maior entre os novos moradores/usuários e a cidade/moradores antigos, evitando a segregação espacial e social entre a Cachoeira da UFRB e a Cachoeira dos cachoeiranos.

Salientamos que o objetivo deste trabalho não é negar os aspectos positivos ou apenas criticar a instalação de uma Universidade e as transformações sociais, econômicas, culturais e educacionais que estão vinculadas à ampliação do sistema de educação superior; ainda mais em um estado como a Bahia, onde o ensino superior público federal esteve, durante muito tempo, concentrado em Salvador.

Também não se descarta a importância do Monumenta na recuperação do patrimônio urbano de Cachoeira, que se encontrava em péssimo estado de conservação, inclusive com inúmeros desabamentos. Apenas buscamos destacar criticamente como estas transformações estão sendo processadas, principalmente sob a ótica da população local, possibilitando, inclusive, ajustes no processo de planejamento e implantação da UFRB, do Monumenta e do turismo étnico na cidade.

Notas

¹ Pesquisa realizada com financiamento da FAPESB – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia. Agradecimentos especiais aos alunos da disciplina GEO185 – Geografia Humana IV (Urbana) durante os semestres 2008.1 e 2008.2, pela aplicação de questionários e entrevistas com a população de Cachoeira e a cessão dos direitos de uso dos mesmos para a realização desta pesquisa. As idéias deste artigo foram apresentadas inicialmente no II Simpósio de Cooperação na Área de Geografia entre as Universidades Federal da Bahia e Passau (Alemanha) – “Centro e Periferia: Discursos e Teorias, Escalas e Percepções”, realizado em Salvador, entre 08 e 09 de abril de 2008.

Referências

BRITO, Cristóvão. C. T. **A Petrobrás e a gestão do território no Recôncavo Baiano**. 2004. 299p. Tese. (Doutorado em Geografia), Centro de Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. Recôncavo: laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998, pp.101-183.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001. 365p.

HARVEY, David. **Spaces of Hope**. Berkley: University of California Press, 2000. 293p.

HARVEY, David. **Spaces of Capital. Towards a Critical Geography**. New York: Routledge, 2001. 429p.

LEFEBVRE, Henri. **De lo Rural a lo Urbano**. Barcelona: Ediciones 62, 1973. 270p.

LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 243p.

PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Brasília, (s/Ed.), 2003. Disponível em <http://www.pnud.org.br/atlas>

SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais - Universidade Federal da Bahia, Imprensa Oficial, 1959. 91p.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979. 345p.